

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

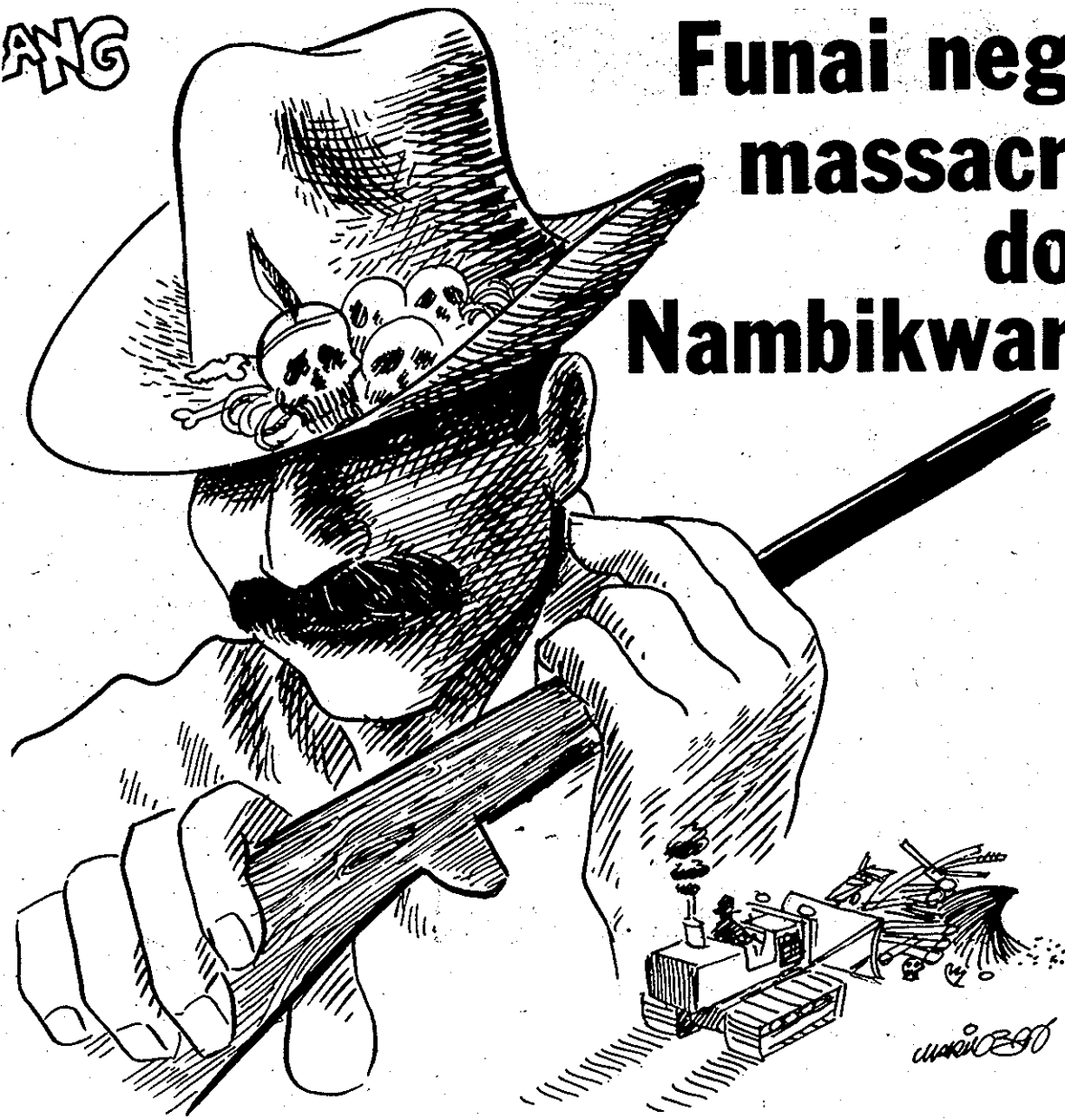
Class.: 28

Data: Ag. Set. 86

Pg.: 7

ANG

Funai nega massacre dos Nambikwara



A conclusão a que chegou Sidney Possuelo, sertanista que chefiou durante 28 dias uma equipe da Funai encarregada de investigar a suspeita de massacre dos Nambikwara levantada em abril (ver PORANTIM n.º 88), é no mínimo absurda pra não dizer criminosa: “Não houve massacre de índios Nambikwara da região de Omerê, em Rondônia”.

O sertanista, mais que desmentir relatórios minuciosos — acompanhados inclusive de fotografias — de um funcionário da própria Funai, o chefe do Posto Indígena Mamaindê, Marcelo dos Santos, explicita o apoio à propagação de atitudes como as cometidas contra os índios daquele grupo, que não haviam sequer tido contato com não-índios.

Marcelo dos Santos classifica o ato como “uma selvageria covarde levada avante por meia dúzia de brasileiros”, acrescentando que “por uma questão de princípios éticos e morais não podemos permitir que fique impune”.

Não é difícil compreender sua indignação perante os acontecimentos. Mesmo tendo sido obrigado a adiar por duas vezes sua ida ao local do massacre, devido solicitações do senhor José Antônio — dono da fazenda Yvipy-tanga e provável mandante das agressões — ao seu superior, Marcelo conseguiu chegar à área e constatar o seguinte:

“Depois de andarmos aproximadamente 100 quilômetros a pé pela área, conseguimos material suficiente para provar a posse e uso daquela área pelos índios Nambikwara, como roças, aldeias, painéis de barro, pedaços de flecha, arcos, muitos paus com buraco de machado para retirada de mel, armadilhas, trilhas de caça e pinguelas de cipó”.

Baseado em seus levantamentos, conclui ainda que “a área vem sendo alvo de agressões sistemáticas contra suas vidas desde 1983, pelo menos”. E mais, em documento datado de 30 de novembro de 1985, alerta: “Só podemos esperar mais violência por parte do pseudo-proprietário da fazenda aonde foram destruídas as aldeias e roças, e que portanto, a ausência, que ora se verifica, de funcionários desta Fundação na área, põe em risco a vida dos índios sobreviventes”.

A Funai, “mais que depressa”, ou seja, após os poucos sobreviventes do grupo terem se refugiado pelas proximidades, deixando a área livre aos invasores, manda uma equipe para verificação do local então interditado.

Depois de concluídos os trabalhos da equipe, a posição do órgão tutor, anunciada recentemente, é de que não havendo massacre desinterditava-se a área. E, podemos acrescentar, entrega-se o prêmio de nada menos que 64 mil hectares a José Antônio Vilela pelo seu grande feito: ter conseguido riscar do mapa mais um grupo indígena.